

Big Gilson comemora carreira internacional com CD “Sentenced to Living”

Com quinze anos de carreira, o guitarrista, cantor e compositor de blues Big Gilson pode dizer hoje que é um artista internacional. Ele acaba de chegar de mais uma turnê pelo Canadá, a segunda de sua carreira, além de ter passado recentemente também por Argentina e Chile, quando foi promover o recém-lançado CD “Sentenced to Living”. O cuidado com repertório (todo em inglês), produção e embalagem do álbum - o 13º de sua carreira, incluindo seu trabalho com a extinta banda Big Allanbik - mostra a dedicação de Gilson para agradar ao público estrangeiro, sem deixar de privilegiar seus fãs nacionais.

O guitarrista argumenta que, em tempos de download digital, é cada vez mais necessário dar um motivo especial ao público para comprar um CD. “Os ouvintes de blues em geral se interessam em comprar o CD. Por isso, procuro caprichar nos detalhes para dar vontade do cara ter o CD, não só piratear”, afirma o bluesman, que também oferece em seu site oficial (www.biggilson.com) músicas avulsas para venda online.

Gilson acredita que a pirataria “faz parte do pacote” embora seja uma atividade prejudicial. “Como a maioria dos músicos independentes nunca ganhou dinheiro vendendo discos, então para a gente não afeta tanto. Ganhamos dinheiro mesmo é com os shows, tentando fazer o máximo deles possível. Tem a questão também de que, se a pessoa pirateia, pelo menos está divulgando o trabalho. E, muitas vezes, acontece que os ouvintes baixam o CD, gostam e vão lá comprar. É quase como se fosse uma amostra grátis”, acredita.

E numa época em que a internet dita regras e tendências musicais e mercadológicas, Big Gilson apresenta em seu novo CD o que se pode dizer de um “trabalho globalizado”. Participam dele músicos da Espanha, Inglaterra, Canadá e do sul do Brasil. “Neste CD me cerquei dos músicos que eu realmente queria. Cada um está no seu instrumento certo, ninguém está substituindo ninguém. A internet possibilitou isso. O cara grava em seu país de origem, te manda o arquivo via *download*, que não perde nada de qualidade. E grava quando pode, sem problemas de conciliar agendas e horas de estúdio.

Os temas por trás de “Sentenced to Living” vieram da crença de que, num mundo cheio de problemas e injustiças, viver se tornou um fardo. “As letras e a sonoridade refletem a minha desilusão com tanta coisa ruim, como as guerras, e o mundo em geral. Desde o momento em que nascemos estamos condenados a viver, por isso o nome do álbum”, explica. O novo álbum traz covers inspiradas, como “I Wonder”, de Rory Gallagher, e “Yer Blues”, dos Beatles, junto a composições próprias, como a que dá título ao trabalho.

E essa desilusão com o mundo atual não podia ter uma capa melhor para ilustrar, do que o próprio Gilson, aos seis meses de idade, segurando – como ele próprio brinca – seu primeiro cigarro. “Meu tio me deu esse cigarro e tirou a foto, que minha mãe aliás odeia. E ela odiou mais ainda quando descobriu que eu ia usar esta imagem como capa do CD”, diverte-se Gilson.

Apesar de músico de Blues, Gilson está felicíssimo pelo momento pelo qual passa sua carreira. E ela inclusive foi abençoada recentemente com dois momentos marcantes. O primeiro, ocorrido na Inglaterra, quando encontrou a casa de Eric Clapton em Ripley,

graças a indicações da autobiografia do músico, que Gilson já devorou três vezes, e dicas da internet. O segundo momento foi em Clarksdale, no Mississippi (Estados Unidos), quando diz ter vivido uma experiência “mística e cósmica”.

Clarksdale, que abriga o Delta Blues Museum, é onde está localizada a famosa “Crossroads” onde Robert Johnson supostamente fez seu pacto com o diabo em troca de talento. O local deste acontecimento – a mais famosa história do Blues - seria a interseção das highways 61 e 49, onde Gilson – que não podia perder a oportunidade – sentou embaixo de uma árvore e tocou um blues com um violão dobro emprestado. “Eu vinha de Memphis onde toquei em alguns shows e seguiria para Dallas. Decidi passar uns dias em Clarksdale, pois tinha essa vontade de visitá-la há muitos anos”.

Outra experiência incrível para Gilson em Clarksdale foi tocar em uma autêntica *jook joint* – os famosos locais de shows dos primeiros bluesmen. E tudo aconteceu por acaso. Gilson foi com seu empresário canadense assistir a uma apresentação no local, praticamente a única noite da cidade num domingo. “Depois que entrei, me arrependi. Era tudo muito escuro, com luzes púrpuras, somente pessoas meio mal encaradas lá dentro... Depois percebi outros turistas e relaxei. No show, os músicos eram extremamente bons. Meu empresário ficou botando pilha para eu me oferecer para uma canja e acabou indo lá ele mesmo sugerir. Por sorte, eu estava super inspirado e me aplaudiram de pé. Ia tocar apenas uma música, e acabei ficando por umas cinco. Estava em transe. Me senti fazendo parte daquele lugar. Foi uma experiência que mexeu muito com minha cabeça”, conta.

De espírito renovado, Big Gilson se prepara agora para divulgar o novo CD pelo Brasil afora até o final de maio, quando embarca novamente para a Inglaterra. “Minha carreira é hoje toda voltada para o exterior”, orgulha-se o mais batalhador dos músicos de blues nacionais.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Tava em menphis tocando, domingo, ia tocar em Dallas na quarta feira
Minha idéia era passar o domingo lá e passar para Dallas
Íamos passar a noite 5toda viajando, dez horas de viagens
A gente ta com tempo, tava com meu empresário canandense
Estamos com tempo, vamos passar uns dias lá, dorme lá
Fomos direto na crossroadas, a maior coincidência, ele tava com outro músico
canadense, que ia tocar lá, e o cara voltou de ônibus pro Canadá
E pediu para ele levar o dobro dele com ele
Como eu vou arrumar um violão para tocar lá, eu queria tocar lá
Tenho essa vontade há muitos anos
Eu tinha elétrica, não tinha acústica, pensei que nem que tivesse que alugar, comprar ia
ter que arrumar uma
Pode levar o dobro dele...
Peguei, toquei, damos um rolé
Ali foi institucionalizado, mas existem controvérsias
A maioria achava
Não quer dizer que seja aquela
Museu do rock n roll, domingo, paralelo ao Delta Blues

O que tem hoje à noite? Só tem em um lugar, vc vai à p'pe, meio deserto
Achamos o lugar, 80 dólares era o hotel muito caro
Um hotel do lado da Crossroads, botamos as coisas lá, fomos para o show
Uma portinha, juke joint, depois que entra, vc se arrepende, tudo escuro, luzes púrpuras,
só uns negões lá dentro, fiquei cabrero mesmo
Entraram turistas americanos, garotas mais novas
Fiquei vendo o show, os caras tocando pra caramba
Meu empresário botou pilha, vai lá tocar com os caras
Se não me chamar não vou, não sou de me deixa tocar
Acabou o primeiro set, meu empresário foi lá falar com os caras
Big J alguma coisa, foto no museu
O empresário falou, vai lá no carro pegar sua guitarra
Sério< não quero pagar mico
Mandou te chamar
Tava h iper mega inspirado, nego aplaudiu de pé
Toquei uma música, fui entregar a guitarra, nego pediu pra tocar mais
Aí toquei mais umas quatro, cinco músicas
Se me perguntar, nem sei oq eu toquei, tava em transe, nem faz pergunta difícil
Pessoal tem muita curiosidade, me perguntaram várias coisas
Me senti fazendo parte daquele lugar, uma coisa que mexeu muito com minha cabeça
No dia seguinte, visitei o museu
.

Já em Clarksdale, em , Gilson disse ter vivido uma experiência mística.

Ta cantando mais em inglês, minha carreira é toda baseada no exterior.
No Brasil o que dá a gente vai fazendo, mas é toda voltada pra lá

Tem que ralar no exterior tanto ou mais que aqui
As estruturas de shows lá são menores que aqui
A maioria das casas noturnas, festivais não, mas aí o músico tem que levar PA... muitas
casas

Viaja espiritual cósmica, fui a Clarksdale
Sentei embaixo da árvore, toquei lá um dobro
Tava em menphis tocando, domingo, ia tocar em Dallas na quarta feira
Minha idéia era passar o domingo lá e passar para Dallas
Íamos passar a noite 5toda viajando, dez horas de viagens
A gente ta com tempo, tava com meu empresário canadense
Estamos com tempo, vamos passar uns dias lá, dorme lá
Fomos direto na crossroads, a maior coincidência, ele tava com outro músico
canadense, que ia tocar lá, e o cara voltou de ônibus pro Canadá
E pediu para ele levar o dobro dele com ele
Como eu vou arrumar um violão para tocar lá, eu queria tocar lá
Tenho essa vontade há muitos anos

Eu tinha elétrica, não tinha acústica, pensei que nem que tivesse que alugar, comprar ia ter que arrumar uma
Pode levar o dobro dele...
Peguei, toquei, damos um rolé
Ali foi institucionalizado, mas existem controvérsias
A maioria achava
Não quer dizer que seja aquela
Museu do rock n roll, domingo, paralelo ao Delta Blues
O que tem hoje à noite? Só tem em um lugar, vc vai à p'pe, meio deserto
Achamos o lugar, 80 dólares era o hotel muito caro
Um hotel do lado da Crossroads, botamos as coisas lá, fomos para o show
Uma portinha, juke joint, depois que entra, vc se arrepende, tudo escuro, luzes púrpuras, só uns negões lá dentro, fiquei cabrero mesmo
Entraram turistas americanos, garotas mais novas
Fiquei vendo o show, os caras tocando pra caramba
Meu empresário botou pilha, vai lá tocar com os caras
Se não me chamar não vou, não sou de me deixa tocar
Acabou o primeiro set, meu empresário foi lá falar com os caras
Big J alguma coisa, foto no museu
O empresário falou, vai lá no carro pegar sua guitarra
Sério< não quero pagar mico
Mandou te chamar
Tava h iper mega inspirado, nego aplaudiu de pé
Toquei uma música, fui entregar a guitarra, nego pediu pra tocar mais
Aí toquei mais umas quatro, cinco músicas
Se me perguntar, nem sei oq eu toquei, tava em transe, nem faz pergunta difícil
Pessoal tem muita curiosidade, me perguntaram várias coisas
Me senti fazendo parte daquele lugar, uma coisa que mexeu muito com minha cabeça
No dia seguinte, visitei o museu

Sentenced to living
Estamos condenados, aos problemas

Foto que o tiro tirou, aos seis meses, primeiro cigarro
Minha mãe odeia essa foto e odiou que eu tenha colocado na capa do CD

I Just wanna make Love to you
Shake your money maker
Tropical feeling blues
Sweet home Chicago

Visita á casa do Eric Clapton
Leu três vezes a biografia

Oi, galera!

O **Big Gilson** acaba de retornar, com muitas novidades, de mais uma turnê na Europa, onde tocou em importantes festivais, dividindo o palco com os **Animals**, **Steve Crooper**, **Ian Parker** (um dos maiores nomes do blues inglês do

momento), **John O'Leary** (fundador da Savoy Brown, grande influência do Big), entre outros nomes de peso.

Além da renovação do apoio dos amplificadores Ingleses da **MARSHALL** - confirmam no link:

http://marshallamps.com/artists/artist_quotes/artist_quotes.asp?quoteId=82 -, ele traz também na bagagem um novo patrocínio (endorsee) das guitarras

VINTAGE, também da Inglaterra - confirmam também:

<http://www.jhs.co.uk/biggilson.html>

Ainda nesta turnê, o Big lançou oficialmente seu novo e polêmico CD **SENTENCED TO LIVING**, pelo selo inglês "Lightning Fingers", e acaba de assinar com a **BLUES TIME RECORDS**, para o lançamento no Brasil em novembro.

Oi, galera!

Enquanto o novo e polêmico CD **SENTENCED TO LIVING**, não chega da fábrica, o BIG GILSON vai logo ali no Canadá mais uma vez representar o blues nacional e mostrar a sua arte, em nova turnê. Seus músicos de apoio serão a banda Canadense de jam-rock DIESEL DOGS.

Você pode acompanhar a agenda completa no site oficial: www.biggilson.com

O novo CD chegará no final de novembro aqui no Brasil, com lançamento pela BLUES TIME RECORDS. Reserve logo o seu, pois essa primeira tiragem vem num formato que não se repetirá nas outras vezes em que for fabricado.

Acabo de chegar de mais uma turnê no exterior, pela terceira vez esse ano no Canadá.

Esse adorável país que tem me proporcionado momentos incríveis, quando, por exemplo, tive a honra de abrir o ultimo show do Johnny Winter por lá, agora me deu mais uma alegria. O endorsee das guitarras FRANKISTEIN, fabricadas artesanalmente pelo luthier Seppo Valjakka, com matéria prima de primeira, na cidade de Woodstok.

Mal desfiz as malas dessa viagem, e lá vou eu outra vez em mais uma missão de levar minha arte e o blues "made in Brazil", desta feita para Argentina e Chile, na minha ultima turnê internacional esse ano.

Na volta, vou trabalhar meu novo álbum SENTENCED TO LIVING, lançado aqui no Brasil pela Blues Time Records, e que já é um sucesso de público e crítica no exterior.

Oi galera,

Neste ultimo mês desse ano tão produtivo para mim, recebi a notícia de que fui agraciado com o premio de **PERSONALIDADE DO BLUES** pelo "1º PRÊMIO BANCA DO BLUES", o que me honra e enche de orgulho. Neste sábado dia 13 estarei lá na Banca para receber meu premio e fazer um som com a Destilaria.

Segue minha agenda desse mês de dezembro:

09 – 19hs - Pocket show solo – FNAC Barra – RJ

12 – 22:30hs - Tributo A Eric Clapton com a Tobacco Road band – Saloon 79 - RJ

13 – 21hs – Banca do Blues com a DESTILARIA - RJ

18,19 e 20 – Blues Internacional com músicos Austríacos – Porto Bracuhy – Angra dos Reis – RJ

Depois, merecidas férias, até o dia 2 de janeiro quando recomeçam os shows.

As críticas tem sido ótimas no exterior. Vejam só:

O resultado, é Gilson no seu melhor estilo incendiário, com uma banda fantástica em novas canções verdadeiramente inspiradas, e algumas inesperadas releituras de músicas de outros autores, muito bem arranjadas.

Esse CD deve cimentar sua reputação como um dos melhores nesta roupagem blues-rock, do norte ao sul do equador.

Al Kirkcaldy - Canadá

Sentenced to Living é até agora o melhor trabalho de Big Gilson. Ele encanta os ouvidos dos ouvintes que vão desejar estarem presentes quando essas musicas forem tocadas ao vivo.

R. Falconer – London, ON

Ele tem uma performance impressionante. Geralmente gravações de estúdio soam “frias”, mas de alguma maneira Big Gilson sabe como captar a atmosfera excitante do blues, mesmo no estúdio. Como? Não faço idéia!!!

Mais uma coisa: esse cara sabe tocar.

D. Mills, Manassas, VA United States

Rio Rock & Blues - Você lançou recentemente o 9º disco da carreira solo, *Sentenced to Living* (Blues Time Records, no Brasil, e TopCat Records, nos EUA e Canadá). O que você pode falar sobre o novo trabalho?
Big Gilson - As letras e a sonoridade refletem a minha desilusão com tanta coisa ruim, como as guerras, e o mundo em geral. Desde o momento em que nascemos estamos condenados a viver, por isso o nome do álbum. Ele foi gravado basicamente em power trio, mas tiveram muitas participações de músicos que conheci ao redor do mundo. Essa mescla musical foi muito legal. *Sentenced to living* já é considerado por muitos o melhor da minha carreira.

RR&B - Você já tocou com muita gente. Quais foram as parcerias que mais te marcaram?

BG - Quando abri o show do Johnny Winter ano passado, no Canadá. Foi o auge da minha carreira, pois sempre o considerei o meu mentor guitarrístico. Ao escutar a música dele tive vontade de aprender o instrumento.



RR&B - Você se considera um bluesman que toca blues americano ou blues inglês? O que os diferencia?

BG - Ao longo dos anos escutei muitas coisas. Considero-me uma esponja que absorve um pouco desses dois estilos. Eu tenho várias fases. Às vezes ouvia bandas inglesas, como Savoy Brown, Chicken Shack e Foghat. Em outras ocasiões gostava do blues de raiz. Atualmente tenho escutado bluesmen ingleses da nova geração, como Ian Parker e Ian Taylor. Inclusive, acabaram me influenciando bastante no *Sentenced to Living*. Eles fazem uma releitura de forma que o slow blues e o shuffle não ficam com uma sonoridade tão tradicional.

RR&B - Como foi a sua passagem pelo Big Allambik? Aliás, como era fazer blues em uma época na qual não se tocava o estilo?

BG - Devo tudo o que sou ao Big Allambik. Foi um trabalho muito meticuloso com grandes músicos e amigos. Tivemos a nossa época. Naquela época era muito bom, pois o blues não era tão segmentado. Estávamos em um cenário POP/Rock, sempre com público grande. Não éramos restritos aos locais voltados apenas ao blues.

RR&B - O projeto paralelo "Tributo a Eric Clapton" revela a grande admiração pelo inglês. Fale um pouco sobre essa influência.

BG - Por mais que o meu som tenha muito do Clapton, custei a admiti-lo como grande influência. As pessoas falavam muito sobre a semelhança da minha música e o estilo dele. Passei a ouvi-lo de maneira diferente. Graças a essa "insistência" vi o quanto ele me influenciou e influencia até hoje.

RR&B - O que você pode dizer sobre o cenário mundial do blues? A crise da indústria fonográfica afetou, de fato, esse meio?

BG - O blues nunca teve grande atenção da mídia, com exceção de um ou outro grande nome. É um público fiel e cativo que se renova, assim como os músicos. Ainda há muitos jovens que tocam e consomem o estilo. Infelizmente, a crise é mundial e o blues não tinha como ficar imune. Ele sempre teve altos e baixos. Costumo dizer que o blues enverga, mas não quebra.

RR&B - Levando-se em conta que nomes como Buddy Guy e BB King caminham para a aposentadoria, atualmente quem são os grandes representantes mundiais do blues?

BG - Três nomes vêm à minha cabeça: Ronnie Baker Brooks, Bernard Allison e Joe Bonamassa. Acredito que o Bonamassa é o que mais se destaca. Por onde eu passo escuto falar sobre ele, pois ele toca (e muito bem) para o público do blues e do rock. Apesar de eu considerá-lo um guitarrista de hard rock, ele toca o blues moderno.

RR&B - Você acha que o blues nacional vive um período de retração, crescimento ou estagnação?

BG - O blues nacional está estagnado. Infelizmente, não temos muitos nomes de qualidade. Até apareceram muitas bandas, mas poucas com qualidade a ponto de construírem uma trajetória sólida.

RR&B - Após quase 25 anos de estrada e muitas realizações, há ainda algum sonho profissional a ser realizado?

BG - O BB King já dizia: "Quem não sonha não vive". Já realizei muitos sonhos e sou muito grato por isso. Entretanto, ainda tenho outros planos. Tenho certeza que tenho ainda muito a fazer. Quero crescer, não quero estagnar